

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - POSARQ

MESTRADO EM ARQUITETURA

DISCIPLINA:

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

-ARTIGO-

Profa. Sônia Afonso

Cristina V. Florentin Arias

Fazendo uma revisão nos diferentes períodos da história vemos que a humanidade experimentou ou passou por diferentes processos tanto de criação como de produção. Desde a Antigüidade até nossos dias, observamos que a cada época histórica, correspondem linhas de pensamento e metodologias bem definidas e diferenciadas; determinadas sem dúvida por uma série de condicionantes culturais, sociais, políticos e tecnológicos próprios de cada período.

Estas épocas adotaram processos diferentes também porque as motivações eram muito diferentes. Em arquitetura, como ciência “sensível” (ou ciência que “se sente”), são facilmente identificáveis os sentimentos ou motivações que deram origem às diferentes obras que se destacaram ou marcaram cada época. Enquanto alguns períodos se caracterizaram pelo “racionalismo” das suas obras, em outros o “ideal” da beleza era o perseguido; ou enquanto em alguns períodos era o Homem a medida para suas obras, em outros o homem buscava alcançar a Deus através delas. Cada momento histórico nasce de certa forma contrapondo-se ao anterior.

“ Temos assim um Classicismo, um Romantismo, um Expressionismo, um Realismo, etc., onde a cada corrente arquitetônica correspondem determinados pensamentos filosóficos, conquistas tecnológicas ou formas de expressão, independentemente da época de sua aparição mas dentro de aproximações ideológicas identificáveis.” GASPERINI (1988)

O mesmo autor também coloca que “centrar o pensamento arquitetônico em torno de conceitos ideológicos ligados às suas manifestações históricas, é uma procura voltada para a identidade conceitual que está ‘atrás’ da concepção formal. É uma preocupação de caráter teórico que deve estar presente em toda obra de Arquitetura, explicitada através de ensaios críticos ou ‘memoriais’. É uma conscientização da responsabilidade histórica do papel social do arquiteto”.

Neste trabalho serão levantados alguns estudos e conceitos sobre temas que envolvem o processo de produção do projeto de profissionais da área de arquitetura. Serão especialmente estudados aspectos relacionados à Idéia, o Método de projeto e a Linguagem utilizada para a representação do mesmo.

IDEIA E ARQUITETURA. CONCEITOS

“O arquiteto - dizia Le Corbusier (1973)-, ordenando formas, realiza uma ordem que é pura criação de seu espírito: pelas formas afeta intensamente nossos sentidos, provocando emoções plásticas; pelas relações que cria, ele desperta em nós ressonâncias profundas, nos dá a medida de uma ordem que sentimos em consonância com a ordem do mundo, determina movimentos diversos de nosso espírito e de nossos sentimentos; é então que sentimos a beleza”

A expressão “concepção” significa, do ponto de vista estritamente formal, uma prática mental na qual comparecem os elementos constitutivos da pré-visão do objeto a ser construído, assim como a pré-visão da maneira de o mesmo ser construído, ambas determinando, dirigindo o trabalho material a ser posteriormente realizado. (BICCA, 1984)

Para GOMEZ (1987) na Primeira. Tese “Só a análise Histórica não é suficiente para a invenção do novo, pois entre a análise (passado) e a invenção (futuro) existem as condições atuais de tempo e lugar (presente). É certo que o passado inscrito na matéria edificada pode ensejar desdobramentos e visadas para o futuro. Mas, ainda assim, são meras sugestões,...que podem ser aproveitadas, ou não, pelo artista na sua indagação do novo. A visada para trás (*história*) pode ser um destes caminhos, desde que mediada pela memória da arquitetura. Assim, para a inscrição de uma arquitetura nova no interior de um quadro urbano preexistente somente a análise histórica não basta. Não basta à nova construção ser construída num contexto pré existente, mas a partir de um contexto preexistente. Pois somente a memória na arquitetura é que poderá articular a análise do passado coma invenção do futuro. Hoje.”

Para GASPERINI (1988), “a arquitetura é uma área do conhecimento basicamente criativa”, e afirma que no processo criativo ou na *idealização* previa do objeto intervêm uma série de fatores, entre eles, especialmente, “toda a massa de conhecimento acumulada, que colocada em contato com a temática abordada pelo arquiteto, age como estímulo para a manifestação da concepção do objeto arquitetônico”.

O mesmo autor ainda define a *idéia* como “a representação mental de um objeto”, assim “o pensamento arquitetônico segue uma ‘*lógica visual*’ - diferente da lógica do pensamento abstrato- e alimenta-se basicamente de conhecimentos *visuais*”.

Para o autor, por tanto, “a criação é a revelação da *idéia* através da imagem. A *idéia* nasce, surge e se torna imagem através de um processo no qual intervêm todo o conhecimento do homem, a sua cultura, os seus valores, e irremediavelmente o seu processo histórico”.

Segundo JONES in AFONSO (2002), a criação na arquitetura, pode surgir através de um processo em que o arquiteto chega ao resultado final, ao objeto idealizado através de um processo um tanto *arbitrário*, ou não definido(caixa preta); o processo baseia-se fundamentalmente em suas experiências anteriores. A criação pode também surgir através de um processo oposto ao descrito anteriormente, que é aquele em que o arquiteto baseia-se em informações preexistentes e segue uma metodologia, um processo seqüencial planejado de etapas de investigação e análise com o intuito de identificar todas as soluções possíveis (caixa transparente). Neste processo há uma delimitação do campo de pesquisa de forma que somente quando a pesquisa for finalizada, poderão surgir as soluções, que virão da análise não experimental anterior. Muitas vezes fica difícil seguir o processo da caixa transparente até o final, já que o mesmo torna-se confuso na medida de seu progresso, levando o arquiteto projetista a voltar para o processo anterior, o da caixa preta. Desta forma, surge outro processo, o projeto auto-organizado, um controle do processo de projeto que junte os processos

mencionados anteriormente em uma estratégia mais objetiva, alternativa que terá que ser escolhida para buscar o melhor resultado final.

Segundo SERRANO E NAVARRO in AFONSO (2002) existem quatro etapas no processo de pensamento:

- preparação;
- incubação;
- iluminação;
- verificação.

Após ter conhecimento sobre o problema, a preparação, surge a incubação, onde a pessoa passa a se ocupar de outras atividades enquanto seu inconsciente trabalha sobre o problema. Através da iluminação, que acontece num momento inesperado, surge a criação, que seguidamente passa a ser verificada.

MÉTODO EM ARQUITETURA. CONCEITOS

*“Ha uma coisa mais importante que as mais
belas descobertas: o conhecimento do método pelo
qual são feitas”*

Leibniz

Segundo GASPERINI (1988), o método surge da necessidade de organizar a maneira como passar as imagens para o plano da realização, e essa organização pode acontecer de diversas formas. “Não existe portanto um ‘método’ generalizado, existem varias metodologias, cada uma marcada pela personalidade do arquiteto”.

O mesmo autor afirma que “o projeto é um ato metodológico complexo, porque envolve procedimentos de transformação de conceitos mentais para sua representação, na maioria das vezes gráficas”.

Esta representação ao ser, geralmente, bidimensional, restringe a visualização simultânea tridimensional da idéia. Esta visualização tridimensional seria recuperada posteriormente através da elaboração de modelos, etc.; “A informática –comenta o autor- , fará com que seja eliminada a etapa gráfica bidimensional, onde a idéia mental será transferida diretamente para uma representação tridimensional”

JONES in AFONSO (2002), afirma que os métodos são tentativas de exteriorizar o processo do Projeto, e dentro desse enfoque, há três pontos de vista: o da criatividade (caixa preta), o da racionalidade (caixa transparente) e o do controle do processo de projeto (projeto auto organizado).

Para o arquiteto J. C. GOMES (1987) ,a invenção do novo sempre desafia uma metodologia. É onde o arquiteto define os processos, as técnicas e os modos específicos de elaboração do projeto para construir sua obra. Define a sua metodologia própria. Um método. “No entanto, a instauração do novo sempre

continuará desafiando uma metodologia. Pois o método, em arquitetura, continuamente re-propõe um outro método a cada nova obra”.

Já BUNGE in STROETER (1986), contrapõe-se a esta teoria afirmando que “um método é um procedimento regular, explícito e possível de ser repetido para conseguir-se alguma coisa, seja material ou conceitual”.

“Em arquitetura o método de projeto tradicional e mais utilizado ainda é o desenho. (...) O próprio desenho realimenta a concepção inicial e, mediante um procedimento semelhante ao de tentativa e erro, a solução é modificada e aperfeiçoada até um nível considerado satisfatório. Um projeto de arquitetura, a rigor, nunca está concluído, porque sempre há algo que pode ser melhorado. A tendência do autor seria de alterá-lo continuamente, em busca do resultado perfeito. Isso só não ocorre por restrições de ordem prática, como prazo e custos...” (STROETER 1986)

O mesmo autor ainda acrescenta que “o arquiteto pensa desenhando, sente desenhando, desenha, sentindo, descobre desenhando, desenha descobrindo, constrói desenhando... O desenho é, em essência a linguagem que ele utiliza para conversar consigo próprio ao projetar.”

Quando Oscar Niemeyer (PEREIRA,1997) descreve seu método de trabalhar, diz que o mais importante no projeto é a idéia , ou o partido arquitetônico. Quando desenha a sua idéia, elabora ao mesmo tempo um texto explicativo argumentando a idéia. “Meu método é simples - afirma - primeiramente tomo contato com o problema, o programa, o terreno, a orientação (solar), os acessos, as ruas adjacentes, os prédios vizinhos, o sistema construtivo, os materiais (de construção), o custo provável, a obra e o sentido arquitetônico que o projeto deve exprimir. Depois, deixo a cabeça trabalhar e durante alguns dias guardo comigo, no inconsciente, o problema em questão, nele me detendo nas horas de folga e até quando durmo ou me ocupo de outras coisas. Um dia, esse período de espera termina. (...) E começo o projeto, vendo-o como se a obra já estivesse construída e eu a percorresse curioso. Com esse processo sinto detalhes

que um desenho não permitiria, detendo-me nos menores problemas, sentindo os espaços projetados, os materiais que suas formas sugerem, etc.”

Para Le Corbusier (1973) “Fazer uma planta é precisar, fiar idéias para que elas se tornem inteligíveis, executáveis e transmissíveis”.

RIO (1998) coloca que “o distanciamento da arquitetura de procedimentos científicos, tem feito prevalecer a criatividade, (...), e a subjetividade, presentes sempre no ato de desenhar e de projetar. Se por um lado, em projeto, isto é positivo, em função de suas implicações enquanto fenômeno estético e cultural, contribuindo para o desenvolvimento de nossa visão de mundo, por outro, o binômio criatividade/subjetividade podem ser negativos, já que decisões projetuais refletem-se sobre as expectativas e as vidas de terceiros, possuindo permanência no tempo bastante significativa. Não se trata de negar a criatividade no processo de projeto mas de admitir que ela pode ser desenvolvida ‘educada’ pelo conhecimento, pelo treinamento e pela capacidade de compreensão dos fenômenos onde está imersa a Arquitetura”. O mesmo autor comenta que “... o arquiteto deve atuar inserido nas especificidades dos contextos e deve atender à sua responsabilidade social, fazendo com que o paradigma social se some ao artístico e ao tecnológico, de modo a voltar o processo de projeto às reais necessidades dos usuários”.

Para GASPERINI, não é possível pensar em elaborar um projeto sem antes proceder a uma organização das tarefas a serem desenvolvidas, agrupadas segundo suas especialidades e complexidades e provável duração, de forma a avaliar a disponibilidade de recursos necessários à sua realização. “É preciso planejar o processo de trabalho: é preciso criar quase um projeto do projeto, para que cada passo seja avaliado e seja feito o acerto ou a modificação necessária durante o desenvolvimento do processo e não no seu fim, afastando-se da possibilidade de erros”.

“Na história de Gropius é impossível separar o momento teórico do momento criativo ou do momento pedagógico: cada um dos seus edifícios, dos seus programas

urbanísticos, das suas intervenções práticas e polêmicas a favor de uma renovação radical dos métodos produtivos na arquitetura e na arte aplicada, ou a favor de uma reforma do ensino formal, tudo é simultaneamente formulação teórica, aplicação prática, ato criativo." (ARGAN, 1951)

LINGUAGEM EM ARQUITETURA. CONCEITOS

“As verdadeiras obras de arte não importam
o que digam, nada mais fazem do que narrar seu
próprio nascimento”

Todorov

Se a arquitetura é uma arte (e é, efetivamente), é uma arte específica que necessita não de uma linguagem mais ou menos intuitiva com a qual o sujeito da criação artística lida e propõe sua obra, porém cujo significado real ele só vem a descobrir freqüentemente no fim da obra, mas sim de uma linguagem definida tanto quanto possível de antemão (pelo menos no que se refere ao espacial) e que esteja ao alcance simultâneo do criador e do receptor. (NETTO, 1979)

“O espaço constitui uma forma genérica de expressão que efetivamente informa o homem (e com o qual os homens se informam, de modo consciente ou não), detentor de sentidos passíveis de uma formalização necessária para a operação sobre o espaço, para a prática arquitetural”. (NETTO, 1979)

Para GASPERINI (1988), “a exteriorização da “idéia” através do método de materialização, é um ato que se manifesta por meios e signos que chamamos comumente de ‘Linguagem’”. Termo que se refere “a sua explicitação, a formalização e expressão através de sinais apropriados para transmitir suas idéias e pensamentos. É portanto um sistema não vocal, mas simbólico, destinado a transmitir o significado da Arquitetura. Linguagem, símbolos e significado, nos parecem estar intimamente ligados neste processo”.

“Por ser um sistema, ele é arbitrário, e depende de uma determinação sem outra regra que a própria vontade. Temos assim inúmeras Linguagens; cada uma emana de uma cultura, ao nível do indivíduo e ao nível de uma sociedade. Pela

linguagem podemos identificar as várias influências, evoluções e afirmações dos indivíduos, grupos e sociedades, suas relações e mútuas interações”.

Ainda segundo Gasperini, é “através do símbolo que se aproxima o objeto a um conceito abstrato ou idéia. E que, quanto mais expressivo for o aspecto simbólico, mais clara torna-se a idéia que é expressa.”

“..., quando alguém procura analogias entre as estruturas da linguagem e da arquitetura, não é tanto aos elementos físicos da construção que se refere (às vigas, pilares, lajes, coberturas, etc.), mas sim à organização, à hierarquia, à ordem, à lógica, à relação entre as partes e o todo, que fazem o verdadeiro sentido de estrutura em arquitetura”. (STROETER, 1986)

Segundo Germain Boffrand (1667-1754) citado por STROETER (1986), a arquitetura devia ser narrativa. O edifício precisaria falar, explicar a sua função. Uma Catedral deveria provocar pensamentos sublimes, uma prisão teria que infundir terror.

Já Paolo Portoghesi, também mencionado pelo mesmo autor, diz que a arquitetura comunica, apenas e basicamente, seu código e sua estrutura, e comenta: “Diante de uma obra arquitetônica (...) encontramos-nos na situação de quem ouve ou lê um poema cuja métrica lhe é familiar, mas em uma língua que não conhece. Podemos apreciar a musicalidade do texto, os valores fonéticos e o ritmo, mas não somos capazes de apreender seu significado; somos capazes de apreciar a forma e reconstruir os processos sintáticos dos quais ele deriva, mas não compreendemos a situação humana que gerou o poema”.

Uma linguagem arquitetural não é portanto privilégio das grandes obras ou dos grandes nomes: na verdade mesmo, ela é ainda mais rica quando se manifesta nas obras que passam despercebidas, naquelas para as quais os guias turísticos não apontam porque estão se servindo delas e nem pensam nisso: na malha viária, no jogo de espaços, das cores. E tampouco essa linguagem é privilégio “dos tempos passados”.

STROETER (1986) ainda afirma que a arquitetura como linguagem, “ sendo não descritiva, proporciona muito mais experiências do que conhecimentos.”

Esta teoria, hoje em dia, faz parte da maneira de ver e fazer arquitetura de vários arquitetos: Para Aalto- por exemplo- a arquitetura era o meio pelo qual podia chegar a dar forma a todas as suas experiências pessoais. Por outro lado dizia “o problema essencial será, para nós, encontrar a expressão adequada ao nosso tempo, não somente na arquitetura mas igualmente em todas as esferas da vida”.(FLEYG, 1982)

PROCESSO PESSOAL DE PROJETO

Fazendo uma análise da própria experiência de processo de projeto, depois da realização desta disciplina, tomei consciência de alguns aspectos desse processo, que anteriormente aconteciam de maneira quase instintiva.

Neste processo se faz difícil analisar separadamente como acontece o surgimento da idéia, e qual o método utilizado para a concretização dessa idéia, ou como isto será finalmente expressado. Estas etapas estão muito relacionadas e geralmente, uma depende da outra. Para o surgimento de uma idéia para a resolução de uma problemática, se faz necessário (mesmo não tomando consciência disto), o estabelecimento de um método. E o estabelecimento de um método depende de uma idéia que estabelecerá as prioridades que darão o ponto de partida para o projeto. Assim também a linguagem, ou seja, a forma de expressar a idéia, na maioria dos casos não é decidida no final do projeto, ela já surge com a idéia mesma, ou com o desenvolvimento do projeto.

A pesquisa realizada através de levantamentos bibliográficos e análise de exemplos são passos importantes, principalmente nos primeiros anos, para adquirir uma bagagem mínima de conhecimentos, de imagens ou de modelos mentais que agilizem de certa forma, o surgimento de uma idéia e a elaboração do projeto.

A minha experiência na elaboração de projetos pode ser dividida em duas etapas bem diferentes: a experiência acadêmica e a experiência profissional.

Na experiência acadêmica, evidentemente, no início a metodologia utilizada no processo de projeto sempre é um pouco induzida pelos docentes. No entanto, com o passo do tempo essa “metodologia induzida” vai adquirindo algumas variantes e se transformando em um processo totalmente pessoal.

Uma diferencia significativa do projeto na vida profissional, comparando-a com a experiência acadêmica é que no campo acadêmico, pelo fato de trabalhar com situações ou problemas teóricos, também são relevados alguns aspectos relacionados

aos projetos, que, já na vida profissional, são de muita importância e sempre devem ser levados em consideração; um exemplo seria o aspecto econômico do projeto (o custo da obra).

O meu processo de produção de projeto hoje em dia, desenvolve-se geralmente da seguinte forma:

Levantamento de dados:

- Conhecimento da problemática;
- Levantamento das necessidades;
- Conhecimento dos condicionantes do projeto, expectativas e perfil do(s) cliente(s);
- Levantamento do local de intervenção;

A idéia:

O surgimento das primeiras idéias acontece quase que espontaneamente seguido do conhecimento dos condicionantes do projeto, do cliente, e principalmente do local. Estas primeiras idéias são revistas depois da análise dos dados obtidos no levantamento realizado.

- O resultado da pesquisa é analisado;
- São estabelecidos os objetivos ou diretrizes do projeto (prioridades, restrições, etc.);
- Então as primeiras idéias são melhor estudadas ou descartadas.

Os estudos dessas primeiras idéias são realizados através do desenho das mesmas (como croquis), ou através da elaboração de maquetes esquemáticas (dependendo do tipo de projeto).

Proposta

A partir da idéia inicial, surge uma pré-proposta, que uma vez avaliada (e re-avaliada várias vezes) e materializada no papel se transforma em uma primeira proposta.

- A proposta é apresentada ao cliente e novamente avaliada;
- São realizadas as modificações necessárias (quando necessárias);
- O projeto é redesenhado e novamente apresentado ao cliente para a sua aprovação.

Apresentação

Normalmente todo o processo de projeto é auxiliado por softwares específicos para representação gráfica (autocad) no computador. Isto possibilita uma apresentação clara e simples, o que geralmente facilita a compreensão do projeto por parte do cliente.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, S. , "Idéia, método e linguagem: considerações a respeito da própria experiência sobre o tema" in Síntese. Revista de Arquitetura. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, março 1990. pp. 12-21..
- ARGAN. G. C., *Walter Gropius e a Bauhaus*. Edit. Presença, Lisboa, 1951.
- BICCA, P. , *ARQUITETO a máscara e a face*. São Paulo: Projeto editores associados, 1984.
- FLEYG, K.; *Aalto E. " Alvar Aalto Projetos e últimas obras"*. Edit. Gustavo Gili S. A., Barcelona, 1982.
- FUSCO. R. de, *A Idéia de Arquitetura*. Edit. Martins Fontes. São Paulo, 1984.
- GASPERINI, G.C. – *Contexto e Tecnologia: O Projeto como Pesquisa Contemporânea em Arquitetura*. Tese de livre Docência. Universidade de São Paulo, 1988.
- LE CORBUSIER, *Por uma Arquitetura*, Edit. Perspectiva, São Paulo, 1973.
- NETTO, J.T.C., *A Construção do Sentido da Arquitetura*. Edit. Perspectiva. São Paulo, 1979.
- PEREIRA, M. A., *Arquitetura, Texto e Contexto: O discurso de Oscar Niemeyer*. Editora UnB. Brasília, 1997.
- RIO, V. Del. , *Arquitetura: Pesquisa e Projeto*, SP/RJ Pro Editores/FAU UFRJ. Coleção PROARQ, 1998.
- STROETER, J. R., *Arquitetura e Teorias*. Edit. Nobel, São Paulo, 1986
- TAFURI, M. *Teorias e História da Arquitetura*. Edit. Presença, Lisboa, 1979.